
PARA ONDE

VAI O MUNDO?

Marcos Antônio da Silva*

MORIN, Edgar. *Para onde vai o mundo?* Tradução de Francisco Morás. Petrópolis, RJ: Vozes, 2010. 70 p.

Edgar (Nahoum) Morin nasceu em Paris, em 1921, é formado em Direito, História e Geografia, realizou estudos em Filosofia, Sociologia e Epistemologia, com uma produção do conhecimento notadamente interdisciplinar. Atualmente, é pesquisador emérito do Centre National de La Recherche Scientifique (CNRS), e um dos pensadores mais originais de nossa época, cuja influência intelectual e moral permeia diversos campos das ciências humanas, constituindo-se em um dos mais sensíveis teóricos da condição humana.

Sua principal publicação, *O método* (seis volumes), entre as décadas de 1950 e 1970, é acompanhada de obras bem conhecidas no mundo, entre as quais, *Introdução ao pensamento complexo*, *Ciência com consciência*, *Os sete saberes necessários para a educação do futuro* e, mais recentemente, *Educar para a era planetária*. No conjunto, produziu até agora quase quarenta livros.

A obra *Para onde vai o mundo?* é uma recém tradução, de parte de Pour sortir du XX^e siècle (Paris, 1981), e no Brasil (1986) foi intitulada *Para sair do século XX: as grandes questões do nosso tempo*.

A década de 1980 acompanha as precedentes, em tônica revolucionária e inquietudes, contexto marcado por significativas transformações sociais, entre avanços tecnológicos. Para alguns analistas, o marco zero que determina o fim da era industrial e o início

da era da informática. Com reviravoltas comportamentais, culturais, responde pelo aprofundamento das questões ambientais (os desastres anunciados), os deslocamentos de poder e crises econômicas (altas taxas de inflação e juros) que atinge grande parte da Europa e do continente americano. Portanto, o justificado ‘tom’ de advertência em relação à chamada ‘civilização perdida’ perpassa quase todo o conteúdo do livro, embora apareçama crença em outra humanidade [diferente da, até então, enfocada].

François L’Yvonnet, no prefácio, define Morin como portador de grande genialidade (investigador ordinariamente inventivo), e afirma que bastariam as publicações da década de 1950 (*L’Homme et la mort* e *Lés stars*) e da que se segue (*La rumeur d’Orléans*) para garantir esta condição. Destaca sua originalidade na proposição da teoria do pensamento complexo, enquanto um novo paradigma; sua lida por um novo humanismo trágico, revisitado, regenerado, planetário em direção a uma política de civilização. Este é o norte da obra, que se divide em dois capítulos,

No primeiro capítulo, intitulado Para Onde Vai o Mundo?, em longa explanação enfoca alguns pontos, como a interdependência entre o passado, o presente e o futuro, e no qual formula uma crítica aos anos 1960, nos quais a prospectiva dava o passado como infinitamente conhecido, o presente como de fato conhecido, que o futuro decorreria no e pela égide da economia, ciência e tecnologia (a tecnoburocracia como arauto do progresso humano). Admite que, da retroação entre presente e passado, permitem-se novos (re)conhecimentos e que o maior limite de se saber sobre o futuro é o de saber como o presente é concebido. Contrapõe a previsibilidade do vir a ser à idéia de passado e presente passíveis de (todo) conhecimento e assinala, nestes argumentos, a base da incerteza do conhecimento [o mote de suas obras].

Reflete sobre a evolução, a qual admite como não-linear, mas multicausal (ilustra com o efeito bumerangue), analisando que a ciência, a tecnologia, cultura e ideologia interferem nesse processo e que, ao se dimensionarem como inovação e/ou de forma criativa, derivam em transgressões potencialmente geradoras de tendências (para mudar ou para substituir). Destaca que sucessões críticas, crises, incertezas e desvios são fatores que contribuem para o realinhamento dos processos a afetar o [imprevisível] futuro. Reconhece que a grande contribuição da década de 1970 é a admissão da incerteza [nada é para sempre].

Em seguida, analisa o século XX como o século em crise, paradoxalmente desenvolvido e racional *versus* convulsionado e palco de horrores desde a Primeira Guerra Mundial, admitindo a Segunda como sua continuidade, até a “hora zero” (Hiroshima) [neste ponto da obra, Morin se aproxima de reflexões de Jacob Bronowiski, Serge Moscovici, Fritjof Capra e outros autores, em maior ou menor dimensão sobre a sujeição da condição humana aos desastres, o preço do desenvolvimento a qualquer custo in-separado da destruição]. Critica o stalinismo (estável e sepulcral, sem crise, que subtrai a vida, consumo, lazer e liberdade) de forma contundente e os EUA, suas ideologias, seus mitos, nos quais reinam inimigos em suas crenças, mas os reconhece carentes (superpotências = superimpotências, afirmação emprestada de Sallantin [Jean]). Ao escrever o livro, não tinha como prever qual das vertentes venceria, mas na atualidade confirma-se este argumento [porque a crise que desestabilizou a URSS não é tão menor que a que, na atualidade, atinge os EUA, medidas as proporções].

Sobre o Terceiro Mundo, enfoca as teorias desenvolvimentistas, de forma pungente, na afirmação do desconhecimento por essas populações do desenvolvimento do subdesenvolvimento, ou seja, pelas intervenções e na mimetização da miséria, porque as sensíveis mudanças em termos de qualidade de vida são acompanhadas do desmonte das economias tradicionais em favor de tecnologias alheias [que ampliam a dependência] à preservação das culturas, dos ambientes e da própria estrutura da sociedade (a favela é urbanizada [mas continua favela]), no aprofundamento das desigualdades.

Na sequência, estabelece considerações sobre a regressão na progressão e progressão na regressão, nas quais enfatiza, a propósito da biologia, que o organismo sobrevive tanto da vida, quanto da morte, enquanto processo de renovação [um ir e vir incessante]. Alerta para os sinais da natureza ignorados acerca da destruição planetária, na substituição da solidariedade pelos bens de consumo. Admite que o avanço científico não somente produz a elucidação, mas também a cegueira. Destaca a barbárie como presente, sob novas formas, aprofundando-a, e cita que o poder atribuído ao Estado pode, hoje [à época e em todas], destruir o Planeta, e amanhã, submeter à natureza e o espírito em todos os sentidos. Como resultante: o auto-aniquilamento humano, somente limitado por traços de razoabilidade [um alarme provocado pela ‘crise’ que determina o fim].

Sobre o futuro perdido, reafirma a crise em todos os estágios humanos e a denomina de progressão das incertezas. Nesta direção, e de forma simultânea, reconhece que o mundo evolui, se revoluciona, progride, regride, em constante crise, em perigo eminente. Somente não se pode assinalar qual destas condições prevalecerá como decisiva [o presente mostra que esta questão está longe de ser resolvida].

Em relação à crise da humanidade, afirma que não existe salvação histórica, portanto, sem possibilidade de emitir uma resposta definitiva em termos de sua superação. Ilustra as migrações do *homo sapiens* enquanto uma original diáspora a exigir a reunião. O que se apresenta como a grande novidade é a concepção de uma humanidade planetária, em virtude da emergência da ecologia a promover a consciência de que tudo está relacionado, apesar das fragmentações provocadas por extremados nacionalismos.

Acerca da idade de ferro planetária, reconhece que a humanidade ainda não evoluiu por causa do encilhamento provocado pela concepção de Estado-nação, embora reconheça esta condição para o processo de ‘descolonização’, enquanto libertadora de povos subjugados. E, mais uma vez, retoma a questão do socialismo russo, os totalitarismos (totalizantes), porque estes alienam os indivíduos das responsabilidades. Sobre o conhecimento científico, afirma que se distancia cada vez mais da mediação dos espíritos humanos, substituído pela informatização (na figura dos computadores da época) que, se assumida pelo Estado, concorre para que este se dote de imensurável poder de controle, portanto um potencial promotor da ‘alienação totalitária’.

Ao tratar da hipótese hegemônica e a Europa, sugere a possibilidade de esta se constituir em uma grande potência imperialista [não se cogitava a China como potência econômica à época, tampouco a desintegração do poder soviético]. Adverte que o mundo está à deriva e que o ser humano é incapaz de controlar o caos, os contrastes entre os opostos de existência e fenecimento, tensa agonia, que gera a imprecisão.

Sobre a agonia relata o refinamento das forças de criação e destruição, estas mais evidentes e que aniquilam a lucidez. Alerta sobre a possibilidade do ser humano ser subjugado nas várias esferas de sua própria organização, nas relações político-econômicas, na tecnologia, na informatização, além nos limites que se impõem em torno das dimensões biológicas, ecológicas e demográficas.

Ao abordar o novo nascimento e revolução admite desprezar idéias revolucionárias (que devem ser repensadas) como redenção,

embora considere suas profundidades e ‘verdades’, tampouco que o freio da autodestruição civilizatória decorrerá de fontes tecno-burocráticas-estadistas. Mas que se precisa ‘revolucionar a evolução’. Assinala que é preciso existir pontes entre microtransformações (entre e intra-indivíduos), meta-transformações (renovação das organizações sociais) e mega-transformações (planetária). Reconhece que a revolução não depende somente de um agente, de uma ação principal, de um núcleo social, mas de múltiplas ‘mudanças/transformações/revoluções’, que perpassam autonomia e interdependências em todas as esferas, e nestas inclui o campo das ideias.

No trecho Noite e Neblina, enfoca que o ser humano não sairá da história, que deve se ressituar na pré-história do espírito humano. A dúvida é se a agonia se refere ao surgimento ou à extinção da humanidade. E traça o paradoxo: o avanço tecnológico pode responder pelo surgimento da humanidade planetária ou destruí-la, que se deve esperar qualquer desfecho, se não for o melhor, a certeza é que o efeito bumerangue [consequências] é fato que se incorporará à condição humana.

No segundo capítulo, exíguo, porém não menos importante, o qual denomina O Acasalamento das Baleias, entoa um mantra de esperança e proposituras, e inicia pela exigência do vir a ser fazer nascer/despertar a humanidade, em que coloca a ideia do conhecimento correlacionado que desenvolve a natureza do *homo*, na esfera individual, como espécie, social e humano, em termos de uma necessária ética: o emergir da humanidade.

Ao focar a megamorte, alerta para que se deve combater a possível morte de milhões (massacres provocados pelas guerras que provoca aniquilamentos recíprocos [onde a condição humana nunca vence]). O freio seria o Nada (metapotência) a conter paranoias de poder (Estado-nação) para dar lugar a uma humanidade superior [planetária].

Sobre a louca violência, destaca que tanto as ortodoxias religiosas, quanto o messianismo apocalíptico [terrorismos das ideias e dos fatos consumados], são os responsáveis pelo agravamento da incontrolável violência (desvairada) e respondem pelas ideologias que potencializaram o totalitarismo dos Estados em direção ao nada.

Acerca da metaviolência, expõe a violência tornada louca, opondo um contra o outro [a lei do mais forte]. Recorre que a eliminação deste fato não vem nem pela violência, ou sua ausência, pelos silêncios, pelas omissões, pelos quadros de encilhamento em asséptica ‘segurança’

[que cega, aliena e não permite a indignação ante as eugenias ou desigualdades e similares], mas, quando se interpõe o sentido de arrependimento capaz de gerar o perdão (conversão de ex-violentos) e estende esta noção para os ex-sossegados, elevando-os à condição de nova espécie de pacíficos. Que se ocorrer à reversão, que a consciência individual responderá pela não-violência (onda de choque coletivo); portanto, a metaviolência constitui o contraponto à loucura mortal. A consciência do medo do aniquilamento pode ser o metacontrole dos monstros paranoicos [o totalitarismo, o Estado-nação].

Quanto ao resistir e mudar, propõe à humanidade que deve aprender a resistir a novos poderes opressores que virão [aqui se manifesta um dado possível de ser verificado nestes últimos trinta anos, inclusive no campo das ideias – as dissimulações teóricas, econômicas, políticas e outras], porque a humanidade tem a barbárie e civilização como elementos inseparáveis e, pela revolução, deve superar os estados de barbárie em relação ao que se apresenta e para os que ainda estão em gênese. Que somente a resistência (não o mito revolução-salvação) pode garantir o futuro, enquanto uma [re] fundação: da cultura, novas relações sociais, ilhotas de pesquisa não fragmentadas [paradigma emergente].

Sobre cada qual, onde quer que se encontre... está na luta toda, conclama (em termos do pensamento complexo) ao engajamento para lutar, armar-se de resistência de forma autônoma e responsável, com inteligência e inventividade, o agir, a interação, mesmo que inconscientemente, no vir a ser do mundo. Optar e se comprometer (lutar) para a preservação do humano e, assim, promover a eclosão da humanidade [planetária].

Acerca da itinerância, reconhece a interdependência de passado, presente e futuro, que se precisa saber viver o aqui e o agora, para amar o vir a ser. Que é preciso estar preparado para qualquer desfecho, para o Nada, inclusive. Que a verdade (que deve superar humilhação, desprezo, a mentira), se não vitoriosa, exige a plena resistência.

Finalmente, no que se refere ao Semear-Amar-se, assinala esta condição necessária para o segundo milênio que se aproxima. Se, por um lado, não se elimina a incerteza e o eventual, pode-se aprender e lidar melhor, e até brincar, com estas dimensões. Enfim, aprender a semear a vida (princípio ‘espermático’ da ação política), a partir de esforços incontáveis, energéticos, vitais para fecundar, a partir dos embriões sem número, o amar-se [em direção a uma nova humanidade, essência de si mesmo, a ser].

A obra, na quase totalidade das reflexões, conjecturas e decorrentes alertas (sem perceptíveis e significativos ecos), embora sucinta, incorpora o pensamento inquieto e fundamental de Morin amplamente explorado anterior e posteriormente, em sua vasta produção de conhecimento. Apresenta-se como atual diante aos agravantes que se multiplicaram nestas três décadas e, ironicamente, torna-se um instrumento de previsibilidade – salvo exceções – para os dias em voga, o que aproxima o autor da condição de um arauto ante a fragilidade humana em suas realizações de frágil papel e açúcares. Traz tantas advertências sobre o que nunca deveria ocorrer, quanto sobre o que, infelizmente, permanece em ser, com o agravante, de em muito se aprofundar o descuido em relação à natureza humana, no que se refere à barbárie, continuamente reafirmada em territorialidade (muito além da geográfica) que se coloca como uma anteposição a uma humanidade planetária.

Finalmente, compõe um texto claro, de simples compreensão, e, em sua concisão, apresenta um conteúdo que inspira inúmeras possibilidades de aprofundamento. Indicado para todos aqueles(as) que se propõem a ampliar a leitura – em um só fôlego – acerca de visíveis limites que se antepõem à adoção da alteridade, do respeito aos direitos e deveres, da negativa às fronteiras (para diante dos espaços), das responsabilidades para se reconhecer um ser da natureza, e soa como um alerta de que é preciso, mais que refletir, aprender e partir para ações em busca de uma existência bem diferente da que é promovida pelos silêncios confortáveis (por não ter que conviver incômodos de, ao se indignar, ser conclamado a reagir e transformar pela resistência) e no ampliar de aquiescências à tragédia anunciada de um aniquilamento (não apenas material) da condição humana.

* Doutor em Educação pela Unesp. Professor no Mestrado em Ecologia e Produção Sustentável da Universidade Católica de Goiás (UCG) e das disciplinas Pensamento Científico e Organização do Trabalho Intelectual e de Monografia, no Departamento de Educação da UCG. *E-mail*: marcos.edu@ucg.br